



Grupo **G**



Daniel Alves quebra recordes, ironiza críticos e assume o papel de percussionista do hexa para recuperar o prestígio nacional

O ritmista da escola de Tite

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

Lusail — Do “Voa, canarinho, voa” na Copa do Mundo de 1982, ao “Deixa a vida me levar” na campanha do pentacampeonato, em 2002. O Brasil jamais abriu mão de uma batucada liderada pelo maestro Júnior, pelo irreverente Ronaldinho Gaúcho ou por algum animador de ônibus da turma do fundão como Daniel Alves, que, ao contrário do Capacete e do jogador eleito duas vezes melhores do planeta, dificilmente entraria em campo no Catar.

Ontem, Daniel Alves lançou candidatura a mestre da bateria em 2022. Aos 39 anos, o capitão dos reservas do Brasil no duelo com Camarões, às 16h, no Estádio de Lusail, virou meme depois da convocação por ser o percussionista da vez e contra-atacou com ironia as críticas da convocação por Tite para a disputa no Oriente Médio.

Terceira opção do treinador para a lateral direita atrás de Danilo e do zagueiro Éder Militão, o jogador do Pumas, do México, se tornará, hoje, o segundo jogador vinculado a um clube da Concacaf a defender o país no Mundial. O outro havia sido o goleiro Julio César na campanha de 2014. Defendia o FC Toronto à época, em uma estratégia mirabolante para não sair do radar de Luiz Felipe Scolari após ficar encostado no Queens Park Rangers.

Tite fez o mesmo. A aposta no veterano aumentou a rejeição. Bolsonarista assumido, teve a imagem desgastada nas eleições e nos vínculos com atual governo antes de se apresentar para a Copa com o rótulo de que merecia ser

Lucas Figueiredo/CBF



Capitão no duelo contra Camarões, Daniel Alves tem a chance de justificar a convocação do técnico e reconquistar o respeito dos torcedores

cancelado. Sincerão como sempre, o baiano deu de ombros para os ataques. “Se for para tocar pandeiro, vou ser o melhor pandeirista que existe”, riu Daniel Alves.

A declaração encerrou a tese de que ele veio ao Catar para concluir um ciclo. “Minha missão é entregar o meu melhor. Temos 26 jogadores com a mesma capacidade de executar, mas, a cada momento, temos um plano. E esse é o plano:

saber como joga o Brasil e como vai demandar o meu serviço”, filosofou o jogador que se tornará o mais velho a entrar em campo pela Seleção em Copas. Quebrará o recorde do zagueiro Thiago Silva.

Daniel Alves é o último dos laterais direitos acima da média do futebol brasileiro. Ele encerra uma era dourada iniciada por Leandro em 1982, Jorginho (1994), Cafu (1998, 2002 e 2006) e Maicon (2010)

— principal concorrente nas edições de 2010 e 2014. Nem os 42 títulos como profissional, incluindo o ouro olímpico em Tóquio-2020, atenuam a presença de Daniel Alves entre os 26 inscritos na fase de maior pressão em 16 anos de Seleção Brasileira.

“Historicamente, na Seleção, alguém sempre teve que pagar a conta. Se eu estivesse no Barcelona, dificilmente esse debate aconteceria.

Eles (críticos) erraram porque colocaram na conta de quem mais tem argumentos para pagar. Incomoda, mas não me afeta. Não sou masoquista, não quero que as pessoas falem de mim sem ao menos saber minha dedicação. É fácil para eles fazerem isso, por isso é fácil para mim aceitar ou não. Prefiro ir por outro caminho, que é entregar o meu melhor”, desabafou.

Tite blindou Daniel Alves.

» Sérvia x Suíça

Com chances de se classificar para as oitavas de final da Copa do Mundo, Suíça e Sérvia medem forças, hoje, às 16h, na última rodada do Grupo G, em um jogo com tensões políticas e um precedente do Mundial da Rússia, em 2018. Os suíços chegam na segunda posição da chave com três pontos. Com um, os sérvios são os lanterna da chave. Nessa disputa por uma vaga nas oitavas, a Suíça é a única que depende das próprias forças. Se vencer, o time do técnico Murat Yakin garante sua terceira presença seguida no mata-mata do torneio. Em caso de empate, terão que esperar que Camarões não derrote o Brasil. Já a Sérvia não tem outra alternativa a não ser vencer e torcer para que a Seleção Brasileira não perca para o time camaronês. Há quatro anos, também nos grupos, os suíços venceram, por 2 x 1. Após marcarem, os jogadores comemoraram fazendo o símbolo da “águia de duas cabeças” para representar a bandeira albanesa.

Embora o veterano seja a terceira alternativa, o técnico fez questão de exaltá-lo. “A gente tem jogadores com características diferentes. Quando ele fala de ataque, eu trato como construção, armação. É um jogador com virtudes técnicas impressionantes. Por isso ele tem essa longevidade em alto nível. A exigência dele não é velocidade. É um jogador técnico em sua essência”, sustentou o comandante.

Grupo **H**



Gana tenta revanche

PAULO MARTINS*

Por 12 anos, a seleção de Gana esperou para ter uma oportunidade de dar o troco em seu episódio mais simbólico em Copas do Mundo. O duelo diante do Uruguai, hoje, às 12h, no Estádio Al-Janoub, em Al-Wakrah, remete diretamente aos acontecimentos do término da melhor campanha africana em Mundiais, na edição de 2010.

O Estádio FNB, em Joanesburgo, vivia grande expectativa com os ganeses sustentando o fato histórico de dar à África o seu recorde em campanhas justamente em sua estreia como sede. A épica classificação a uma semifinal foi frustrada por três vezes. Com o empate de Diego Forlán após o tento de abertura de Sulley Muntari, com a recordada mão na bola de Luís Suárez na prorrogação e

com Loco Abreu cobrando o pênalti derradeiro de cavadinha para findar o sonho.

Desde então, as Estrelas Negras nunca tiveram tanta oportunidade de brilhar como nesta partida. Chegam com uma geração mesclada entre novos talentos e nomes experientes para voltar a iluminar a representatividade de seu continente. As circunstâncias de classificação ajudam. A Celeste Olímpica não ainda não venceu, diferentemente dos ganeses. Justamente af está a diferença: são dois pontos que capacitam a vingança africana com um simples empate.

O time liderado pelo treinador Otto Addo tem plenas condições de liderar o grupo. Para isto, além de vencer por dois ou mais gols de diferença, deve-se esperar por uma derrota portuguesa diante dos coreanos. Do lado uruguaio, além dos

Khaled Desouki/AFP



Ganese querem vingar traumática derrota para o Uruguai em 2010

maus resultados, o técnico Diego Alonso ainda não aproveitou a renovação na safra de jogadores. A criação de jogo está sobrecarregada em Valverde e Darwin Núñez, enquanto outros nomes

como Arrascaeta, Nicolás de la Cruz e Pellistri pedem passagem. Mas a típica malandragem charrúa pode fazer efeito mais uma vez elevar os sul-americanos ao caminho do clássico diante do Brasil.

Portugal vislumbra repetir 2006

RAYSSA LOREEN*

Classificada para o mata-mata, Portugal tem a chance de terminar a primeira fase do torneio com 100% de aproveitamento e repetir a campanha do Mundial de 2006. Hoje, a equipe enfrenta a Coreia do Sul, às 12h, no Estádio Cidade da Educação, em Doha. Os lusos chegam para o confronto com desfalques, mas sem preocupações.

Com apenas um empate, os portugueses garantem a pontaria do grupo H. Mas, em caso de vitória, a seleção portuguesa termina a primeira fase invicta. A mesma situação foi registrada em 2006, na Alemanha, quando os lusos superaram Angola, Irã e México e terminaram a fase de grupos com três vitórias. Naquele ano, a seleção portuguesa foi

comandada por Felipe Scolari terminando em 4º lugar.

Apesar do favoritismo, o treinador Fernando Santos espera um jogo difícil. “Sabemos das dificuldades, porque é um adversário de muita qualidade. Nos dois jogos que fez, foi tremendo, mas os resultados não acompanharam”, disse. Santos não poderá contar com Nuno Mendes, jogador do PSG, pelo resto da competição. Além dele, Danilo Pereira, que fraturou três costelas, também está fora.

No outro lado da disputa, a Coreia do Sul ainda sonha com uma possível classificação. Os Tigres Asiáticos avançam somente em caso de vitória e, mesmo assim, ainda precisam torcer por um triunfo do Uruguai em cima da Gana, em jogo da mesma chave.

*Estagiários sob a supervisão de Danilo Queiroz

Coluna do Mauro Beting



A mais perfeita imperfeição

Só não me demito hoje neste espaço por um motivo inegociável: uma convocação para escrever uma coluna de Copas nestas páginas não se recusa. Mas você, leitor, tem todo o direito de não ler mais nada agora.

Desde que, claro, você tenha acertado no bolão que o Japão ganharia de virada da Alemanha depois de ser triturado no primeiro tempo; que você acertaria que, depois da pior partida da Copa, a derrota japonesa para Costa Rica, você acertasse que o

Japão viraria para cima da Espanha que goleara a Costa Rica por 7 x 0 na primeira rodada.

Se você não errou nisso tanto como a Alemanha desde a Copa de 2014, talvez a minha demissão seja revogável. Afinal, o futebol não é semiautomático como o novo software do impedimento. Aquele que enxerga milímetros que o olho humano (e o coração e o bom senso) não veem. Passou da hora de rever a regra 11, a do impedimento, a respeito da mesma linha com o

penúltimo defensor. Não tem defesa seguir assim.

Como tem defesa qualquer impressão a olho nu ou eletrônico do gol da classificação japonesa contra a Espanha. O gol que eliminou uma Copa por uma bola que não entrou. Agora, perdeu uma vaga por uma bola que “parece” ter saído inteira. Mas que qualquer fiapo dela a deixa ainda em jogo.

Não sei. Mas acredito que a regra também possa ser mudada. Mesmo com tanta tecnologia, na

hora, não tem como ter convicção da decisão.

Mais ou menos como eu apostando quem passaria de fase... No grupo da Holanda e Senegal deu a lógica, mesmo com os holandeses jogando menos, e os africanos sem Mané. Inglaterra passou como se esperava. Gales foi horrível. EUA foram além. Argentina e Polônia era o que se esperava. Mas não com o futebol polonês. E não com tanto sofrimento para os hermanos que irão ser nossos rivais nas semifinais (perdão, chutar é mais forte do que eu que sou fraco na pontaria...). França é favorita. Até a final. Mas a minha zebra Dinamarca foi bisonha. Como

o futebol australiano classificado sabem lá os diabos da bola como.

Esperava a Bélgica se superando. Foi horrível como a atuação de Lukaku. E pavorosa como as prováveis manifestações de intolerância, racismo e xenofobia que ele irá sofrer pela enésima vez. Croácia imaginava segunda do grupo. Mas não atrás de Marrocos, de comovente torcida. No grupo de Espanha e Alemanha, nessa ordem de classificação nos meus chutes, por quase cinco minutos elas estiveram e-li-mi-nadas. Independente das arbitragens e tecnologias (que são ótimas, mas algumas vezes operadas como a minha mãe tentando entrar no

Netflix na TV, ou eu tentando ligar um ar condicionado no controle remoto com 37 botões...), não havia como imaginar Japão e Costa Rica dentro. E ainda assim não acreditar que a Alemanha caiu fora de novo. É que a Espanha saiu da rota brasileira nas quartas.

(Isso, claro, se tudo der certo contra Camarões. Com os ótimos reservas de Tite. Com um grupo focado. Com as escolhas certas para hoje. Com o que o futebol apresenta. E, esta Copa, um tanto mais do esporte maravilhoso e perfeito em sua imperfeição tão humana de tão desumana. Não necessariamente do bom futebol que não tem sido).